

Esta história é trazida a você por Ririro.com/pt gratuitamente. A nossa missão é oferecer a todas as crianças do mundo acesso grátis a uma variedade de histórias. As histórias podem ser lidas, baixadas e impressas on-line e abrangem uma ampla variedade de tópicos, incluindo animais, fantasia, ciência, história, culturas diversas e muito mais.

Apoie a nossa missão compartilhando o nosso site. Desejamos-lhe muita leitura divertida!



Ririro

A IMAGINAÇÃO É MAIS IMPORTANTE QUE O CONHECIMENTO

Ririro

Lafayette

Embora "Lafayette" possa parecer um nome pomposo para um cachorro, estou aqui para contar a história de um poodle francês chamado Lafayette, ou Fay, como era chamado carinhosamente. Um dia, Fay estava descansando sobre uma almofada de seda azul colocada em um assento de janela que dava vista para o quintal. Ao ouvir um latido lá fora, ele se levantou e espiou pela janela.

Era um cachorro amarelo e desgrehado perseguindo um gato que chamou a atenção de Fay. Inicialmente, ele franziu o nariz diante da visão daquele cão de aparência comum, pronto para voltar à sua soneca. Mas algo o fez continuar assistindo ao que estava prestes a acontecer. O cão amarelo latia e dava saltos em direção ao grande gato que estava empoleirado no topo de uma cerca, com as costas arqueadas e o rabo eriçado, expressando raiva. Por mais que tentasse, o cachorro não conseguia fazer o gato sair do lugar. De repente, Fay ouviu um latido alto e, para sua surpresa, seu próprio focinho bateu contra o vidro da janela. Foi ele quem latiu dessa vez, tomado por um entusiasmo inesperado. Fay tinha certeza de que, se o cachorro do lado de fora pulasse um pouco mais alto, o gato certamente fugiria.

Uma empregada correu para o lado de Fay, curiosa para entender o que estava causando toda aquela agitação. "Ah, Fay, você não deve latir para esse gato horrível e

esse cachorro com aparência suja", ela reclamou, acariciando-o e ajeitando a almofada de seda para que ele voltasse a relaxar.

Com um suspiro, Fay se deitou novamente. Mas algo havia mudado dentro dele. Ele sentiu um desejo inexplicável de sair correndo para perseguir aquele gato. Ele também estava convencido de que poderia assustar o cachorro, afinal, aquele era o seu quintal.

Fay começou a refletir. "Lafayette", murmurou. "Que nome para dar a um cachorro! Por que não me chamaram de Ned, ou Ted, ou até mesmo Bill? E minha pelagem, que coisa terrível – toda cacheada, longa e branca. Eu gostaria que algo acontecesse para que ela ficasse preta. Sempre que vou ao parque, todos os outros cachorros debocham de mim. Eu costumava pensar que eles estavam com inveja da minha aparência majestosa, mas agora percebo que eles estavam apenas zombando de mim. Eu não aguento mais isso!" Fay rosnou, frustrado.

"Mas o que há de errado com você esta manhã?" exclamou a empregada, correndo de volta ao lado de Fay. "Nunca ouvi você latir e rosnar assim antes."

Fay apenas piscou os olhos, mas abanou o rabo de um jeito que indicava que mostraria à empregada exatamente como se sentia durante o passeio matinal. Eventualmente, a empregada voltou, vestida para levá-lo ao parque. Ela enfeitou a coleira de Fay com um laço rosa e prendeu a guia.

Fay pulou do assento junto à janela e a seguiu com uma expressão abatida. Naquela manhã, ele não ergueu a cabeça nem desfilou como fazia normalmente. Sentia

uma vergonha recém-descoberta sobre sua aparência. Quando chegaram ao parque, dois cães de rua emergiram dos arbustos, latindo e rosnando para Fay. Aquilo foi a gota d'água. Seu espírito de luta despertou, e, aproveitando-se de um momento de distração da empregada, Fay facilmente arrancou a guia das mãos dela e disparou. Apesar da guia limitar seus movimentos, Fay rapidamente fez os cães de rua de bobo, assustando-os e fazendo-os fugir com o rabo entre as pernas. "Que diversão!" pensou Fay. "Vou fugir, para onde a empregada nunca me encontrará. Ah, como eu gostaria de encontrar um gato!"

Com saltos e corridas, Fay cruzou o gramado, desaparecendo rapidamente da vista da empregada e de um policial que tentava persegui-lo. Em uma rua transversal, um jornaleiro tentou segurar Fay para ler o nome em sua bonita coleira, mas Fay conseguiu escapar dela, finalmente sentindo-se verdadeiramente livre.

O jornaleiro assustado entregou a coleira para o policial que tinha presenciado a tentativa frustrada de capturá-lo. Eles acreditavam que uma generosa recompensa estava esperando quem conseguisse trazer Fay de volta. No entanto, voltar era a última coisa na mente de Fay. O que ele realmente desejava naquele momento era encontrar um gato.



Fay continuou correndo, deixando para trás o bairro que ele chamava de lar havia tanto tempo. As ruas ficaram lamacentas, e, assim que ele se sentiu distante o suficiente da empregada, Fay rolou, pleno de alegria, em uma poça de lama na sarjeta. Ele estava irreconhecível, muito longe do cão impecável e delicado que havia saído de casa naquela manhã.

Emergindo do esgoto, Fay parou por um momento para observar os arredores. Bem, ele não ficou realmente parado; ele saltitava e farejava, contemplando qual direção seguir. De repente, outro cachorro se aproximou. "Olá", cumprimentou Fay. "Não é este um mundo maravilhoso?"

"Não sei, é mesmo?" respondeu o outro cachorro.

"Mas é claro," retrucou Fay. "Hoje de manhã, eu estava do outro lado do mundo, e agora fugi e vim parar aqui. Então, não é apenas ótimo, mas também um mundo esplêndido, como descobri."

"Não sei se concordo com isso," ponderou o cachorro desconhecido. "Às vezes parece bastante difícil, especialmente quando não consigo encontrar um osso."

"O que é um osso?" indagou Fay, que durante sua vida só havia sido alimentado com carnes cozidas e restos de frango.

"Você não sabe o que é um osso?" perguntou o cachorro estranho, olhando para Fay com surpresa. "Você não tem dentes?"

"Claro que tenho," respondeu Fay, mostrando seus dentes afiados. "Mas o que é um osso?"

"Suponho que você nunca tenha vivido por aqui," comentou o outro cachorro. "Ossos são escassos, mas ocasionalmente encontramos um. Veja bem, ossos são para comer."

Fay espiou pelo buraco na cerca, avistando a pilha de ossos, mas eles não o entusiasmaram nem um pouco.

"Para que servem?" ele perguntou.

"Para comer, é claro," explicou o outro cachorro, observando com entusiasmo os ossos através do buraco.

"Talvez não pareçam apetitosos para você, mas se você os gosta, por que não pega um?"

"Eu já mencionei que o cachorro que é dono deles é um briguento," respondeu o cachorro estranho.

"Você tem medo dele?" perguntou Fay.

"Certamente não quero que ele me pegue," confessou o outro cachorro.

"Bah," desdenhou Fay. "Eu não tenho medo. Vou pegar um osso para você. Espere aqui."

"Tome cuidado," alertou o cachorro estranho. "Quando ele te ouvir, ele vai sair correndo daquela casa, e ele é maior do que você."

Tamanho não importava para Fay; ele se considerava bastante imponente. Ele era mais alto do que a maioria dos cachorros que havia encontrado. Assim, ele se espremeu pelo buraco na cerca e rapidamente seguiu em direção à pilha de ossos.

Com um rosnado e um latido, o dono dos ossos apareceu. Fay manteve sua posição, encarando o cachorro grande.

"Saia daqui," o cachorro ameaçou. "Eu vou lutar com você se não for."

"Onde você conseguiu todos esses ossos?" Fay perguntou com coragem. "Tenho certeza de que você os roubou, e eu vou pegar um para um amigo meu." Não que isso fosse totalmente o certo, mas é assim que às vezes os cachorros raciocinam.

O cachorro grande ficou surpreso pelo fato de Fay não fugir, como todos os outros cachorros faziam. Ele não tinha certeza de como agir, mas quando Fay pegou um osso, aquilo foi demais para ele suportar sem tentar impedi-lo. Ele pulou em Fay, mordendo sua perna, mas assim que fez isso, Fay largou o osso e virou-se contra ele. Por um instante, parecia que havia cachorros para todo lado. E então, com um forte ganido, o outro cachorro fugiu, deixando Fay sozinho com a pilha de ossos.

Fay sacudiu-se e olhou para o buraco na cerca. "Entre e pegue à vontade," ele disse ao cachorro estranho do outro lado. "Agora você pode pegar quantos quiser. Ele não voltará."

"Eu não achei que você fosse capaz disso," disse o cachorro estranho, passando pelo buraco sem precisar de um segundo convite. "Qual é o seu nome?"

Essa foi a primeira vez que Fay sentiu algo além de prazer, mas agora ele parecia abatido — ele simplesmente não conseguia contar ao outro cachorro seu terrível nome.

"Ei, qual é o seu nome?" perguntou o cachorro novamente, enquanto mastigava um grande osso.

"Meu nome é Bill," respondeu Fay, pensando rápido. "E o seu?"

"Tige," respondeu o cachorro. "Eu odeio esse nome e queria que fosse Napoleão ou algo mais elegante."

"Eu acho Tige um nome legal," disse Fay, "melhor que Bill, até, e eu gosto bastante do meu."

"Sim, é bom, mas alguns desses cachorros que vivem entre os ricos têm nomes elegantes. Eu encontro um deles no parque às vezes. Ele é branco, sempre tem uma empregada com ele, e às vezes usa um laço rosa ou azul no colar de prata. Acho que o nome dele é Fay ou algo assim. Nossa, ele é um sujeito bonito!" disse Tige, ainda roendo os ossos.

"Não acredito que ele seja mais feliz do que você — quero dizer, do que nós," disse Fay, aliviado por estar livre do laço e do colar.

"Hum," disse Tige, "aposto que ele é mais feliz do que jamais sonhamos ser. Veja bem, Bill, meu caro, esses cachorros ricos têm sua comida servida em pratos de prata, já ouvi dizer, e já cortada e pronta para comer, e ouvi dizer também que dormem em almofadas."

"Em que você dorme?" perguntou Fay, sem pensar no que estava perguntando.

"No chão na maior parte do tempo. E você?" respondeu Tige.

"Ah, claro," disse Fay. "Eu achei que talvez você dormisse em um tapete."

"Parece que eu durmo?" perguntou Tige. "Nunca dormi em nada macio na minha vida."

"Mas por que você não tenta um desses ossos, Bill? Esta é sua festa, e você ainda não provou um osso."

"Eu estava observando você comer," disse Fay, "mas eu vou pegar um. Nunca comi um antes."

"Nossa, eu não achei que algum cão pudesse ser mais miserável do que eu," disse Tige. "Mas você deve ser, se nunca comeu um osso."

O osso tinha um gosto muito melhor do que Fay esperava, e logo ele estava mastigando feliz, assim como Tige.

"Esse é o seu cachorro?" perguntou uma voz.

Fay largou seu osso e olhou ao redor, e lá estavam a empregada, o guarda do parque e outro policial.

A empregada olhou para Fay e então disse: "Fay, é você, seu cachorrinho malvado?"

Fay correu na direção do buraco na cerca, mas desta vez o guarda do parque foi rápido demais para ele.

"Claro que esse é o seu cachorro, Maggie," disse ele.

"Mas ele parece um brigão; não muito como aquele tufo branco e fofinho com um laço rosa que você passeia de manhã pelo parque."

"Ah, o que a patroa vai fazer?" disse Maggie ao vê-lo.

"E ainda por cima perdeu a linda coleira de prata."

"Ah, eu sei onde ela está," disse o outro policial. "Um amigo meu a encontrou, mas esse cachorro não é nenhum bichinho de estimação; ele é um brigão. Você devia ter visto ele enfrentar um cachorro grande que tinha todos aqueles ossos."

"Ah, o que a patroa vai dizer ao saber que o cachorrinho dela esteve brigando?" choramingou Maggie.

"Venha aqui, seu malvado Fay, e volte para casa comigo agora mesmo, e vou te dar um banho daqueles."

Fay se contorceu e tentou escapar, mas uma corda foi amarrada em seu pescoço, e ele estava sendo levado embora quando pensou em Tige. Ele mal teve coragem de

olhar para se despedir, temendo que isso o fizesse hesitar.

Tige, no entanto, estava apenas esperando por esse olhar, e assim que Fay se virou, Tige correu até ele e lambeu seu nariz.

"Saia daqui, seu cachorro sujo!" disse Maggie.

O policial riu. "Seu lindo poodle branco não está com uma aparência muito limpa," ele disse.

Mas não adiantava. Fay não iria pacificamente sem Tige, e Tige também não queria ser afastado, então lá se foi Maggie, conduzindo Fay, enquanto Tige trotava ao lado dele.

Seria muito longa a história para contar tudo, mas vou resumir: Tige ficou rondando a casa de Fay depois que ele foi puxado para dentro pelo mordomo, e Fay ficou na janela uivando para Tige até que a dona de Fay acabou cedendo e deixou que Tige fosse trazido para dentro.

Deram um banho em Tige, colocaram uma nova coleira em seu pescoço, e Fay e Tige ficaram sentados na janela em dias chuvosos, quando a empregada não podia levá-los ao parque, olhando para o quintal em busca de gatos na cerca. Mas como os gatos não gostam muito de tempo chuvoso, Tige teve que contar a Fay tudo o que sabia sobre eles.

"E pensar que eu nunca tive a chance de perseguir um," disse Fay. "Talvez algum dia possamos fugir de novo, e então você pode me mostrar onde encontrar um."

"Não," disse Tige, balançando a cabeça. "Não vai ter esse 'algum dia', Bill, meu amigo. Não vou arriscar perder este lar agradável, e você e eu vamos trotar ao lado da Maggie todos os dias no parque. Eu sei o que

significa não ter um lar, e você não sabe, então ouça minhas histórias de gatos e pense à vontade sobre persegui-los, mas deixe isso por aí."

E Fay, sendo um cachorro sensato e muito apegado ao seu novo amigo, fez o que ele disse.

Preciso te contar mais uma coisa: embora, entre eles, fossem Bill e Tige, para todos os outros eles eram Fay e Caesar, então Tige finalmente recebeu o nome elegante que merecia.